

DEPARTAMENTO DE LETRAS

A ELEGIA OVIDIANA

Márcia Regina de Faria da Silva (UERJ)
faria.silva@ig.com.br

Atualmente, a elegia é considerada um gênero de poesia relacionado aos problemas amorosos ou à melancolia. Em sua origem etimológica, ela provém de *elegós*, canto lutuoso. Contudo, desde o seu surgimento na Grécia, a elegia não se limitava somente à temática do luto, sendo considerada como elegíaca toda poesia composta de dísticos elegíacos, ou seja, um hexâmetro e um pentâmetro. Segundo Spalding a elegia era “... transição do ritmo uniforme da epopeia para a variedade quase infinita dos sistemas líricos; era, portanto, a mediadora entre epopeia e poesia lírica” (Spalding, [s./d.], p. 76). Distancia-se da épica, entretanto, pelo subjetivismo e espontaneidade.

Na Grécia, desenvolve-se como forma poética já no século VII a.C., sendo usado o dístico elegíaco em inscrições ou em poemas cantados ao som da flauta. Quanto aos temas tratados eram muito variados: celebrações religiosas, feitos militares, dedicatórias, epitáfios, etc., não podendo, pois, ser classificada como elegia, através somente desse prisma. Na época, temos como adeptos de tal poesia Calino, Tirteu e Mimnerno, porém o tema amoroso não era o principal, só tendo sido tratado pelo terceiro poeta. Mas não se pode esquecer que René Martin e Jacques Gaillard (1981, p. 107-111) nos dizem que, na Grécia Antiga, a elegia não foi propriamente um gênero literário, pois os poemas em dísticos elegíacos não tinham unidade de tema nem de tom e, por isso, poderiam ser considerados como sátiras, epigramas, poesia didática, mas não “verdadeiramente elegias”.

Foi no período alexandrino que a elegia tornou-se popular, através de autores como Calímaco e Fílitas. Nessas poesias, a preocupação com a forma é fundamental. Para os poetas, a temática amorosa era muito ligada a heróis e heroínas mitológicos. Foram justamente esses elegíacos que influenciaram a elegia romana.

Em Roma, o primeiro a se destacar no estilo, em meados do século I a.C., foi Catulo que escreveu muitos poemas dedicados a Lésbia, nome que ele deu à mulher amada, inaugurando um tipo de

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

poesia dedicado a uma mulher específica, que influenciará a geração de elegíacos posterior.

Catulo foi o primeiro grande poeta de amor latino. Utiliza os mais variados metros e sua linguagem varia, dependendo do tema, desde a vulgar e grosseira até a elevada. Preocupa-se sempre com a forma do poema e, mesmo nas poesias imitadas dos alexandrinos, coloca uma nova força e uma alma latina, tornando-as originais. As elegias 66 e 68 trazem consigo o cerne da poesia erótica e amorosa, que será plenamente desenvolvida na época de Augusto.

O século I a.C. foi um período conturbado em Roma: época de guerras civis. Contudo, após a vitória de Augusto, começará um período de paz que propiciará a poesia subjetiva e, especialmente, amorosa. Com o término das guerras civis, Roma tornou-se o centro do mundo e os romanos puderam se dedicar ao *otium* contemplativo e desenvolver uma poesia latina sem preocupações com guerras. Voltaram-se para seu interior, para seus sentimentos e sua visão de mundo, para seus amores. Isso levará a uma geração de poetas que expõem sua subjetividade e seus sentimentos. Como diz M^{lle} A. Guillemin “poesia da paz, poesia do amor...”¹. E, assim, desenvolveu-se a poesia elegíaca romana.

Segundo Pierre Grimal (1978, p. 117-118), foi a chegada de Partênio de Nice a Roma que precipitou o desenvolvimento da elegia, pois transmitiu aos romanos, inclusive a Catulo, seus conhecimentos sobre Calímaco, além de escrever para Cornélio Galo, o primeiro elegíaco da época de Augusto, cuja obra se perdeu, uma obra em prosa intitulada “*As Paixões de Amor*”, com muitas histórias de amor, pouco conhecidas, tiradas de autores gregos. Talvez isto explique o fato de muitas das referências mitológicas feitas pelos poetas elegíacos romanos serem quase desconhecidas.

No período augustano, especialmente, com Tibulo, Propércio e Ovídio, a elegia ganha caráter de um gênero elevado que quer a imortalidade. Esses poetas escrevem livros inteiros de elegias, normalmente dedicados a uma mulher, como Delia e Nêmesis, em Tibu-

¹ Cf. “Poésie de la paix, poésie de l’amour...” (Guillemin, 1939, p. 288)

DEPARTAMENTO DE LETRAS

lo e Cíntia, em Propércio, sendo que esses pseudônimos não deixam transparecer a identidade de suas amadas.

As elegias amorosas de Tibulo são marcadas pela ausência da amada e pelo tom melancólico. Nega o heroísmo e apresenta o campo como lugar em que o amor pode ser realizado plenamente.

O amor por Cíntia foi o principal acontecimento da vida de Propércio e o fundamento da maior parte de seus poemas. O poeta utiliza-se muito de fábulas mitológicas, bem ao gosto alexandrino, para enaltecer a grandeza de seu amor. É, na verdade, um poeta apaixonado. Segundo George Luck (*Apud* Kenney e Clausen, [s.d.], p. 458), Propércio sente-se como um amante romântico, pois o leitor deve ver, no poeta, um herói que deseja lutar contra a inveja dos deuses, sendo maior do que o seu próprio destino. Propércio vê o amor como algo transcendental que serve para enaltecer outros valores como a nobreza, o poder, a riqueza.

Ao contrário de Tibulo, Propércio é cidadão, a paisagem campestre em seus poemas tem um valor mais puramente poético da tradição literária. Ele busca na Mitologia temas para mostrar que seu amor não é menor do que o dos heróis e deuses. Além disso, a fidelidade a Cíntia é a marca de toda sua obra. Sua vida foi o amor por Cíntia, por isso não se estranha o fato de ter Propércio falecido logo após a morte de sua amada.

Ovídio foi o terceiro poeta elegíaco do período augustano. Apesar de desenvolver temas cotidianos nas elegias, ele consegue manter a atenção e o gosto do público para suas obras, pois se faz porta-voz da sociedade elegante e frívola em que viveu, utilizando os temas com humor e malícia. Ele usa o presente como fonte de inspiração. Jean Bayet² fala sobre a inspiração de Ovídio:

Para manter e variar sua inspiração natural, Ovídio seguiu os conselhos dos oradores, sua arte da composição, seu gosto por enumerações, seus efeitos de surpresa ou seus artifícios de transição devem muito a eles.

² Bayet, 1985, p. 278. Traduzido espanhol: "Para mantener y variar su inspiración natural, Ovídio siguió los consejos de los rétores, su arte de la composición, su complacencia en las enumeraciones, sus efectos de sorpresa o sus artificios de transición devem mucho a ellos".

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O poeta soube manejar muito bem o metro, especialmente, o dístico elegíaco, fazendo com que cada dístico se tornasse mais independente do que já era definido pela sua natureza métrica. A respeito da técnica ovidiana poderíamos citar Kenney³:

Tem muito de artífice, poeta no sentido pleno do ποιητης original, um criador. As diferenças técnicas entre Ovídio e Virgílio estão em função de seu temperamento e seu propósito. Virgílio é ambíguo e ambivalente, enquanto Ovídio é definido; Ovídio disse somente o que tinha possibilidade de expressar, enquanto que para Virgílio o recurso da linguagem (...) era claramente insuficiente para expressar tudo o que ele sentia sobre os conflitos e a insegurança da condição humana.

Pela observação de suas obras, podemos notar que Ovídio ampliou os temas elegíacos romanos. Iniciou com as elegias amorosas para uma determinada mulher, em *Amores*; depois abordou o amor de personagens míticas, nas *Heroides*; transferiu o eixo do amor para a conquista amorosa, em *Ars Amandi*; e, finalmente, inaugurou uma elegia intimista sem ligação com a temática amorosa, em *Tristia e Pontica*.

Catulo, Tibulo e Propércio inspiraram-se em sua vida pessoal, em seus próprios amores. Ovídio não. Usou amores inventados. E segundo Grimal (1991, p. 155):

No entanto exatamente por isso Ovídio é testemunha de sua época. Seus predecessores haviam sido em larga medida testemunhas de si mesmos. Ovídio, ao contrário, representa fielmente a opinião de seus contemporâneos sobre o amor, a ideia que faziam de seu papel na vida das criaturas, da parte que convinha lhe atribuir, dos objetivos que ele perseguia.

Em Roma, portanto, a elegia consagra-se como gênero poético dedicado ao amor, passando de uma poesia que exaltava a paixão vivida pelo poeta a uma poesia que contempla os sofrimentos amorosos universais. Na verdade, ainda citando Grimal (1991, p. 156), “coube a Ovídio fazer uma espécie de balanço de um meio século de

³ Kenney e Clausen [s/d.], p. 502. Traduzido do espanhol: “Tiene mucho de artífice, poeta en el sentido pleno del ποιητης original, un creador. Las diferencias técnicas entre Ovidio y Virgilio están en función de su temperamento y su propósito. Virgilio es ambiguo e ambivalente donde Ovidio es definido; Ovidio dice sólo lo que tiene posibilidad de expresar mientras que para Virgilio el recurso del lenguaje – estando como estaba entonces en el seno del tiempo la prosa de Henry James - era claramente insuficiente para expresar todo lo que él sentía sobre los conflictos y la inseguridad de la condición humana”.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

amores do qual Roma saía transformada, após uma crise moral que destruíra velhas concepções de sete séculos.”

Para Ovídio, amar é o mesmo que desejar, mantendo a própria etimologia latina em que o verbo *amare* remete a ser amante. Com isso, Ovídio canta os amores ilícitos e não as uniões legítimas. Mesmo nas *Heroides*, quando remete cartas de mulheres a esposos ausentes, observamos que o modo de amar e a intensidade com que o amor consome as protagonistas míticas as tornam semelhantes, em seus amores, às cortesãs. É ainda Grimal quem nos diz que “Penélope, Ariadne, Laodâmia pensam e sentem como cortesãs – mas porque o amor das cortesãs é o que melhor permite chegar à plenitude e à verdade da paixão.” (*Ibidem*, p. 163)

O drama da época elegíaca romana está centrado, justamente, na oposição *amare* (amor carnal) X *bene uelle* (ternura de coração). Segundo Grimal, os homens iniciavam na ternura e não podiam realizar o prazer com a esposa, enquanto com a cortesã começavam pelo prazer, mas, dificilmente, chegavam ao bem querer. Os poetas, de certa forma, refletem o conflito em suas elegias e as *Heroides* sintetizam os dois anseios, ainda que na esfera mítica.

Ettore Bignone sintetiza como foi a época de Ovídio e como ele se tornou o principal elegíaco de seu tempo:

É o verdadeiro filho da sociedade romana de seu tempo, cansada dos trágicos sobressaltos e das sanguinárias lutas do último período das guerras civis pelos moribundos ideais republicanos, a que Augusto deu a paz, em troca das antigas liberdades que tinham degenerado em anarquia e em lincenciosidade.

As antigas paixões tumultuosas da política, as ambições ardentes de superioridade, resultaram em avidez pelo prazer. Agora esta juventude fastuosa e festiva quer gozar de todos os prazeres, antes de tudo, dos que proporcionam a arte e a beleza. Porém se trata de arte e beleza voluptuosas, de superfície mais que de profundidade; de gozo exterior mais que de íntimo e apaixonado abandono da alma. Ovídio reúne todos os dons e todas as qualidades de engenho necessárias para ser o poeta desta época voluptuosa e divertida. (Bignone, 1952, p. 309)

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

BIBLIOGRAFIA

- BAYET, Jean. *Literatura latina*. Barcelona: Ariel, 1985.
- BIGNONE, Ettore. *Historia de la literatura latina*. Buenos Aires: Losada, 1952.
- GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Lisboa: Edições 70, [s.d.].
- _____. *O amor em Roma*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. *Le lyrisme à Rome*. Paris: PUF, 1978.
- _____. *Le siècle d'Auguste*. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.
- GUILLEMIN, A. L'élément humain dans l'épigramme latine. **In:** *Revue des études Latines*. Paris: Les Belles Lettres, 1940.
- _____. Sur les origines de l'épigramme latine. **In:** *Revue des études latines*. Paris: Les Belles Lettres, 1939.
- KENNEY, E. J. y CLAUSEN, W. V. *História de la literatura clásica* (Cambridge University), vol. II. Literatura Latina. Madrid: Gredos, [s.d.].
- MARTIN, René et GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Tome I e II. Paris: Scodel, 1981.
- PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica*, II vol. – Cultura romana. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- SPALDING, Tassilo Orpheu. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, [s.d.].
- VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana*. São Paulo: Brasiliense, 1985.